

EDITORIAL

Problema de vida ou de morte: o utilizador

As nossas bibliotecas, arquivos e centros de documentação estão sob uma ameaça terrível. Pior do que a falta de verbas, pior do que a organização deficiente, pior do que as péssimas condições de trabalho, pior ainda do que a falta de espécies, pior do que tudo é a falta de consulentes, é a falta de leitores, é a falta de utilizadores! Essa, sim, essa é que será a morte de tudo, de todos os esforços, de toda a ideia de organização. Estamos sob uma ameaça de verdadeira tragédia: a de ficarmos sem clientela, em tais estabelecimentos!

De quem a culpa? Todos nos temos a penitenciar em maior ou menor escala. Mea culpa, mea culpa... No entanto, o mal transcende-nos. Não é só do tempo que vamos vivendo, não é só das más condições que nós, técnicos da biblioteconomia, da arquivística ou da documentação, podemos proporcionar, não é só a falta de espécies. Não é só disto ou daquilo!... O problema é bem mais fundo. Nem são só as técnicas áudio-visuais de nossos dias que vêm matar a clientela de nossos estabelecimentos (estas técnicas são antes nossas aliadas!).

O problema é, realmente, bem mais profundo. Vai ao âmago da nossa educação e do nosso ensino. Qual é ele?

Reside pura e simplesmente nisto: não educámos, não fizemos um esforço para encaminhar os nossos clientes — que são os leitores, os utilizadores. E daqui que vai surgir, se não arrepiarmos desde já caminho?

Que as nossas bibliotecas, arquivos e centros de documentação vão ficar desertos. Ou melhor, só a eles recorrerão uns tantos, uns raros, uns «carolas», com o seu quê de maníacos...

Como o leitor ou consulente potencial não foi educado a procurar por si, desde a pré-escolaridade, na biblioteca infantil, depois na biblioteca do ensino médio ou superior, o que devia e o que queria, ele torna-se um indivíduo avesso a recorrer a tais estabelecimentos. «Fecha-se» na sua própria documen-

tação pessoal, julgando que com cinco ou dez revistas que recebe, com vinte ou trinta livros que compra para si, soluciona a gama dos seus problemas.

Ilusão.

E quem diz cientista, diz simples leitor, mero interessado em passar o seu tempo de ócio ou diversão. Como não fomos educados, desde a pré-escolaridade, a ir à biblioteca, esta deixa de ser um ponto vital da nossa vida, e por aí fora vai a dificuldade até atingir a nossa actividade profissional.

Depois, não conhecemos o comportamento do utilizador, para lhe determinarmos o perfil. Não sabemos se ele quer isto ou aquilo, como quer, enfim, como reage. Perante tal desconhecimento, actua-se ao acaso, um pouco ao sabor do improvisado e do imprevisto.

Por outro lado, o estudante do ensino superior — e não falamos já no do ensino técnico e médio — não é iniciado na técnica bibliográfica e documental. Assim, quando chega, amanhã, à sua vida prática não sabe como há-de actuar em determinado campo. Ou então actua, como vemos tantos, com altas responsabilidades, descobrirem um «sistema pessoal» de informação, julgando que assim resolveram de vez o seu problema. Aliás sucede até um equívoco, deveras lamentável: o investigador, o cientista, o professor, o erudito, costuma meter-se pelo campo da técnica biblioteconómica e documental, supondo que aí descobriu algo de extraordinário ou que o seu senso comum é suficiente. Lamentável equívoco. Quando isso acontece, é sinal de que esse cientista nem realiza obra de merecimento no seu campo de actividade específica, nem conseguiu ultrapassar a barreira do novo campo por onde, atrevidamente, se meteu. Foi apenas ridículo, nada mais, pelo que faria melhor figura se se deixasse estar, muito calmo, no campo da especialidade onde a sua acção será útil, proveitosa. Cada um a cada qual — e já chega e sobra...

Enfim para concluir, voltemos à afirmação inicial: perigo de morte ronda as nossas bibliotecas, arquivos e centros de documentação! Faltam os utilizadores e há que os fazer, há que os educar. E quanto mais cedo, melhor. Deixar correr o tempo, é cavar mais funda a sepultura onde todos seremos enterrados — técnicos da informação e cientistas, bibliotecários e leitores, arquivistas e eruditos. Ninguém, então, se salvará. Só haverá uma coisa a fazer: celebrar um requiem pela Cultura! É um autêntico remate de tragédia grega... Doloroso fim!